

REFORÇO ESCOLAR: UMA MANEIRA LÚDICA DE APRENDER

NASCIMENTO, Ivonilda¹; SOUSA, Marieneusa Carvalho²

¹Prof. Esp. Psicopedagogia/Instituto Cidade- Rio Verde,
e-mail do autor: ivonildapereira@hotmail.com.

² Universidade de Rio Verde, Metodologia para o Ensino de Leitura e Produção Textual–
Campus UNIRV – GO.

e-mail do autor: dineusa_13@hotmail.com

RESUMO: Este trabalho tem por finalidade atender aos alunos de 1º ao 5º ano desta Unidade Escolar, que não desenvolveram as habilidades inerentes ao ano que estão cursando, assim oportunizar a aprendizagem em diferentes contextos. Visto que o sujeito também aprende por meio de estímulos concretos tais como: atividades lúdicas, como: Caça- palavras, quebra-cabeça, dominó, cruzadinhas, palitos, varetas, entre outros, pelos quais o aluno manuseia e descobre possibilidades de apreender conhecimentos matemáticos e linguísticos, percebendo o uso e função da leitura e da escrita no dia a dia. Com vistas a ampliar os recursos de alfabetização e dar um suporte pedagógico relevante aos docentes em regência deste ciclo. Assim elencaremos alguns pressupostos teóricos que servirão de subsídio para a execução deste projeto, os quais terão suas ações executadas por todos os partícipes do processo de ensino-aprendizagem, até porque o trabalho com jogos promove um ambiente agradável e prazeroso tanto para o aluno quanto para o professor, e ainda apresenta “o aprender a aprender” numa base construtiva, interativa e integrada com a realidade, além de evidenciar o potencial de cada aprendiz. Portanto, essa reflexão traz o contraste da prática com a teoria, fazendo-se nota que estas devem estar interligadas por meio de mecanismos concretos, pois desta forma tendem a facilitar para os alunos alcance do potencial que possuem.

Palavras-chave: Aprendizagem- Jogos- Estímulo- Habilidades

Introdução

Diante da dificuldade apresentada pelos alunos, no que diz respeito à linguagem oral e escrita, bem como na capacidade de raciocínio lógico-matemático, propõe-se esse trabalho, visando no mínimo amenizar as deficiências constatadas. Assim pretende-se executar as ações direcionadas por meio do fazer lúdico e manuseio de material concreto proporcionando ao aluno mecanismos para expressar-se de maneira autônoma, criativa e construtiva. Nesta perspectiva, consideram-se Santos (2000, p.110).

Pensando ser o brincar uma atividade natural da criança, propomos aos educadores infantis o (re) pensar da prática do lúdico nas creches e nas instituições infantis. Assim, acreditamos ser de suma importância à valorização do lúdico na formação do profissional de educação infantil. (SANTOS, 2000, p. 110).

Trazendo para nossa realidade o autor acima vem contribuir mostrando que a criança aprende brincando, fato que nos remete a pensar no porquê de não utilizar esta ferramenta para ensinar às crianças que passaram por essa fase do ensino, ainda sem adquirir as habilidades que são pré-requisitos para cursar o ano seguinte. Desta forma, valorizar o lúdico com objetivo específico de ensinar o conteúdo em questão, vem somar com o trabalho que é feito em sala, regular de ensino.

Tendo como parte desse lúdico o “jogo”, que realizado com fins pedagógicos podem promover a aprendizagem. Para Huizinga Monteiro (1996) a capacidade de jogar “é tão importante quanto o raciocínio e a construção de imagens ou imaginação”. “Pois o jogo contribui para a prosperidade do sujeito no grupo social, ou seja, a criança joga e brinca com seriedade”. Ainda que “O jogo é o mais antigo fato que compõe a cultura, pois em suas definições menos rigorosas, sempre teve presente na sociedade humana”. A possibilidade de explorar o universo imaginário das crianças em benefícios delas mesmas faz do ensino uma arte, onde mesmo desprovida de pré-interesses, acabam por despertar habilidades de raciocínio e estratégia.

Metodologia

Os procedimentos a serem utilizados serão instrumentos de diagnósticos e ação com atividades lúdicas e com uso de material concreto. Tendo como base a pesquisa bibliográfica que fomentem essa prática no cotidiano escolar. Onde temos o planejamento por percurso das atividades em desenvolvimento. Ainda que este trabalho venha a promover um índice quanti/qualitativo, pois se acredita que melhorando a qualidade no fazer pedagógico tem-se como fim o índice de aprovação ainda melhor. Neste sentido, buscamos uma reflexão de planejamento para a ação. Ou seja, resgatar através das aulas de reforço, a direção para que o aluno dê sequência a sua trajetória acadêmica com mais êxito. Neste sentido Koff (2011) nos alerta

E é nessa direção que reafirmo que a escola ainda tem um papel relevante na formação das crianças e dos jovens, mas que é preciso desvendar e/ ou descobrir caminhos alternativos que possam ser mobilizados e apropriados, na perspectiva da reinvenção dessa escola que desejo, precisa e podem ser mais plurais, democrática, capaz de responder aos desafios de nossa contemporaneidade e de formar cidadãos e cidadãs, sujeitos da construção de um mundo menos dogmático e mais solidário. (KOFF, 2011, p.143).

Ainda considerando o autor supracitado, percebe-se que os desafios das escolas hoje perpassam a aplicação de conteúdo, dentre estes, a didática está em constante discussão, ou seja, as formas de ensinar e transmitir os conhecimentos são uma chave para o ideal de aprendizado. Na medida em que o educador se forma ele adquire uma postura de

orientador/pesquisador, a fim de lapidar o dom de ensinar. Por isso, a singularidade em buscar uma didática lúdica para o reforço trilhando o caminho para a aquisição dos saberes tecnológicos e científicos, e a escola num constante e reflexivo agir.

No jogo, a criança curiosa, lúdica e interessada que habita em todos nós faz perguntas incessantemente e vive a surpresa de suas respostas, no nível em que podem ser formuladas. No projeto, um adulto planeja a realização de algo, submetendo seu presente ao futuro do que ele quer se tornar ou produzir. Brincando com as palavras, jogo pode ser entendido como um projeto de “criança” e projeto, um jogo de “adulto” (MACEDO, 2006, p. 32).

Dessa forma, temos nesta prática caminhos alternativos para estabelecer uma conexão da imaginação com a realidade, proporcionado assim, situações de aprendizagem que viabilizem o uso da linguagem nas modalidades de oralidade e escrita. Bem como na relação com a matemática no cotidiano. Até porque, os aspectos legais que regem a ordenação de habilidades nesta faixa etária, nos remete conduzir novas práticas, embora se saiba que o lúdico na educação não é de agora. Porém fundamenta-se no pressuposto do RECNEI e Parâmetros Curriculares Nacionais, a saber:

[...] nas brincadeiras as crianças transformam os conhecimentos que já possuíam anteriormente em conceitos gerais com os quais brinca. (...) no ato de brincar que a criança estabelece os diferentes vínculos entre as características do papel assumido, suas competências e as relações que possuem com outros papéis, tomando consciência disto e generalizando para outras situações. [...] (BRASIL, RCNEI, 1998, p. 27-28, v. 1).

Neste exercício, as vantagens que o brincar podem proporcionar na prática da alfabetização são valiosos para a construção dos saberes tanto de leitura e escrita, quanto em leitura e raciocínio lógico matemático, inerentes a essa faixa do ensino. Em ilustração ao exposto, cita:

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998, p. 211): O jogo pode se tornar uma estratégia didática quando as situações são planejadas e orientadas pelo adulto visando a uma finalidade de aprendizagem, isto é, proporcionar à criança algum tipo de conhecimento, alguma relação ou atitude. Para que isso ocorra, é necessário haver uma intencionalidade educativa, o que implica planejamento e previsão de etapas pelo professor, para alcançar objetivos predeterminados e extrair do jogo atividades que lhe são decorrentes.

Resultados e discussão

É constante o empate entre as tendências pedagógicas no que tange a prática de alfabetização, contudo é notório também que o sujeito está sempre em movimento e que para alcançar o desejo da educação atual, o perfil do professor também necessita de mudanças, pois as condições contemporâneas trazem para o cenário social, indivíduos cada vez mais escravos do capitalismo, impondo-lhe uma visão mais ampla do estudante que tem em sua sala de aula. Neste sentido, salienta a historicidade do trabalho como ilustração do que a

sociedade vive hoje e o que afeta diretamente no processo de ensino aprendizagem e na formação de professores:

Como Lênin percebeu brilhantemente, a ideia central do sistema de Marx é sua crítica da retificação capitalista das relações sociais de produção, da alienação do trabalho por meio das mediações reificadas do trabalho assalariado, da propriedade privada e do intercâmbio. (MÉSZÁROS, 2006: 93)

Nesta observação do trabalho, encontra-se no cenário da educação a triste constatação de que os alunos estão perdendo o interesse pelo ensino/ pelo aprender, pois estão movidos pelos frutos dessa nova forma de viver, movidos pela tecnologia. Fato que vivemos no dia a dia da sala de aula, desde os anos iniciais o grande desafio de motivá-los a estarem na escola. Sendo este um dos enfoques de se trabalhar com recurso lúdicos na empreitada de ensinar a criança a ler e a escrever, numa perspectiva de alfabetizar “letrando”, um conceito que Sandra Bozza distingue, mas não separa.

Quanto às crianças de quatro a seis anos, quando têm suas atividades sobre a escrita organizadas em torno do eixo USO > REFLEXÃO > USO, isto é, quando o objeto de estudo é retirado do cotidiano social, refletido em suas diferentes instâncias (código/forma e significado/ideia) e devolvido à sociedade sob a forma de escrita, mesmo que coletivamente, estarão formando um bom lastro para a caminhada infanda da aprendizagem da língua escrita. Em outras palavras: em qualquer fase da educação infantil (como de resto de todo ensino) podemos ler e escrever pela criança, para a criança e com a criança. Até que ela consiga fazer isso sozinha. (Artigo Sandra Bozza/edicoessm.com. br).

Segundo a autora acima, a perspectiva de alfabetização está além da decodificação. Corroborando com este pensamento Gomes (2009, p.26) afirma que para a criança a aquisição da linguagem constitui-se um desafio muito grande na passagem da língua materna para a língua escrita. Nessa transição, surgem na criança as dúvidas sobre o sistema linguístico, pois para ela está acontecendo tudo ao mesmo tempo, está aprendendo a fala e escrita e, ao mesmo tempo, transformando a linguagem materna na linguagem social formal e informal. E nesse período também acontece a aquisição da leitura, fato este, que para a criança se torna uma repetição do que se fala, embora ao ler busca-se ao máximo atender a cultura social em que está inserida, aonde vai se legitimando, enquanto construtor da própria linguagem e conseqüentemente da leitura. Neste sentido, percebe-se que estudo da Língua é complexo e perpassa da fase do desenvolvimento até o aperfeiçoamento, em seu caráter prático. Aqui é possível ver o embate entre o conceito citado de Sandra Bozza, ou seja, o uso e função da escrita.

Ainda Gomes (2009, p.26) aponta que o maior desafio do professor de língua portuguesa é ensinar uma língua já conhecida e dominada, até então, por seus alunos. Mesmo sabendo expressar suas necessidades, cabe ao professor ensinar a forma correta da escrita, pronúncia e a aplicação da palavra falada e escrita, apresentando-lhe os sentidos. Um enfoque que reflete no papel da escola nos anos iniciais, ou seja, oferecer a possibilidade de inserção dessa criança nos contextos sociais e também no mercado de trabalho. Analisando a educação hoje, percebemos o quanto evoluímos como responsáveis pela formação social e profissional dos cidadãos brasileiros. Observando os processos de alfabetização atual, é claro a mudança dos procedimentos pedagógicos e a preparação dos educadores que buscam o melhor método para atender as especificidades, de cada um dos alunos. Sendo nesta visão o respaldo sistemático para a prática deste reforço escolar.

Matthews ressalta:

[...] Pode-se dizer que estes métodos, sob forma dos métodos alfabéticos, são os mais antigos, sendo utilizados, sem outros competidores, desde a antiga Grécia e o Império Romano até o início do século XVIII. O método é assim descrito por Dionigi de Alicarnasoo: “quando aprendemos a ler, antes de tudo aprendemos o nome das letras, em seguida suas formas e seus valores, então as sílabas e suas modificações, e depois disso as palavras e suas propriedades, isto é, os alongamentos, a acentuação e outras coisas deste tipo. Quando chegamos a conhecer isto, enfim, começamos a ler e escrever, sílaba por sílaba, inicialmente de forma lenta; em seguida, quando passado um tempo considerável, estão impressas no nosso âmagos suas formas determinadas. Fazemos o mesmo exercício na forma mais fácil possível, de modo a poder com segurança e prontidão inacreditáveis, sem encontrar obstáculos em qualquer livro com que nos encontramos”. (MATTHEWS, 1966, p. 6).

Uma visão que Roazzi; et al (1996, p.8) vem mostrar algumas definições para métodos e a melhor forma que o professor encontra para fazer seu trabalho de alfabetizar, entre eles pode ser citado “métodos sintéticos e analíticos, que com o desenvolvimento educacional foram se especificando”. Dentro dos métodos sintéticos encontra-se o fônico, que causa especulações, pois dependendo da região que é aplicado, torna-se complexo as diversas culturas e a forma como se lê o alfabeto faz com que alguns fonemas sejam ensinados com sons diferentes. Assim mais um tópico de análise, pois tal procedimento não vai ser fácil para entender qual o real som das letras ou se essa ou aquela região não pronuncia o alfabeto da forma correta, tanto para professor quanto para aluno. Mas os autores trazem como enfoque para este processo, o método fônico, salientando que se deve ensinar a pronúncia conforme fonema.

Assim:

Basicamente, trata-se de fazer pronunciar as letras, aprendidas uma de cada vez, de acordo com seu valor fônico, como se pronunciam enquanto unidades das palavras.

Desta forma, o método fônico possuiria a vantagem de não criar interferências entre o conhecimento dos nomes das letras e o conhecimento do som correspondente. Apesar do avanço apresentado pelo método fônico em relação ao método alfabético, não são eliminados os problemas do mecanismo e receptividade da aprendizagem, obrigando ainda a criança a estar longe por um longo período de tempo dos significados das palavras e dos textos, verdadeiro objetivo da aprendizagem da leitura (ROAZZI; LEAL e CARVALHO, 1996, p.8).

Os autores acima nos remete a prática do reforço escolar também a agregado deste método, pois foi notado que a maioria das crianças que não dominam o sistema ou parte dele, nos dois primeiros anos do ciclo, não apresentaram em diagnóstico a consciência fonológica, fato que se propõe customizar nesta etapa com mais ênfase, visto que com o desenvolvimento desta consciência será possível ver os resultados, em curto espaço de tempo.

A Consciência Fonológica é: “Uma habilidade metalinguística e pode ser definida como a capacidade de operar explicitamente com os segmentos da palavra. Mais especificamente, Consciência Fonológica é a consciência de que as palavras são formadas por diferentes sons ou grupos de sons, podendo ser segmentadas em unidades menores. Além disso, envolve a capacidade de refletir (constatar e comparar) e operar com as sílabas ou fonemas (contar, segmentar, unir, adicionar, suprimir, substituir e transpor)” (MOOJEN, 2000).

Neste horizonte, este projeto sugere ao docente a necessidade de conhecer melhor o sistema de apropriação da escrita, dando ênfase ao componente que determinam a consciência fonológica. Por hora, nosso embate se dá na ênfase de trazer para o reforço uma maneira lúdica de aprender e despertar-se para a construção do saber com sentido.

Dessa forma,

"Quando o professor tem melhores informações sobre o desenvolvimento normal da linguagem, fala e habilidades auditivas, por exemplo, consegue propor estratégias que auxiliam a aprendizagem. Além disso, pode mais facilmente identificar distúrbios reais e ajudar na orientação para o encaminhamento, quando necessário. Consegue, também, promover atividades para que a potencialidade do aluno sem distúrbio se desenvolva ao máximo e a aprendizagem seja incrementada." (Luzardo e Nemr, 2006).

Corroborando com estas reflexões, Vygotsky (2004) afirma que meras repetições e memorização de temas não são garantia de aprendizagem, sendo esta não garantida não haverá desenvolvimento, propondo que as atividades educativas sejam motivadoras, com desafios que impulsionem as crianças desenvolver potencialidades de cognição mais complexas. Por isso, a junção do conhecimento fonológico com as práticas do lúdico, no fazer pedagógico, trará para o cenário da alfabetização mais um mecanismo de aprendizagem que nos surpreenderá.

“...Em outras palavras, a força motriz fundamental do processo didático é a contradição entre as exigências de domínio do saber sistematizado e o nível de conhecimentos, experiências, atitudes e características socioculturais e individuais dos alunos...É preciso colocá-los de modo que se convertam em problemas e

desafios para o aluno, suscitando e mobilizando a sua atividade.” (LIBANEO, 1994, p.94).

Pensando no que fora debatido até o momento, acredita-se que a prática por meio das atividades lúdicas proporcionará aos alunos satisfação em aprender e gosto para vir à escola no contra turno, para as aulas de reforço. Contudo, vale salientar, que brincar nem sempre traz só alegria, pois conforme o jogo alguém “perde” e nesta hora pode ocorrer a insatisfação, cabendo ao docente reverter esse embate, mostrando que todos ganharam, porque estão se tornando autônomos na arte de aprender e em ensinar. Neste prisma, a finalidade ludicidade na educação: é levar o ato de brincar a diversão, ao prazer e até desprazer, “quando escolhido voluntariamente à função educativa, o brinquedo ensina qualquer coisa que complete o indivíduo em seu saber, seus conhecimentos e sua apreensão do mundo. O brincar e jogar são dotados de natureza livre típica de uns processos educativos. Como então, reunir dentro da mesma situação o brincar e o educar? Essa é a especificidade do brinquedo educativo”. (KISHIMOTO, 2003, p.37).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática dessa proposta iniciou-se na terceira semana de janeiro do corrente ano, portando estamos em constantes pesquisas a demanda alfabética que temos, por meio do aluno que necessitam do reforço escolar para alcançar as habilidades que ainda não têm autonomia. Portanto, o que expomos até aqui é parte de um projeto em execução, mas notamos que a evasão da escola no contra turno está diminuindo, e que alguns de nossos alunos já mostraram avanço na leitura e também na escrita, tanto em Língua Portuguesa, quanto em Matemática, conforme metas para cada ano.

Percebeu-se ainda que os profissionais de área percam por não usar a consciência fonológica como recurso para alfabetizar, e que agregando este conceito às demais áreas, promovem-se autonomia e construção dos saberes, relacionado com eficácia e sentido.

Sendo resultados iniciais, vemos com bons olhos, pois o caminho que vamos percorrer será maior e ver que estamos na trilha certa nos impulsiona a pesquisar mais e aplicar os dados que descobriremos. Ou seja, aplicar na íntegra o seguinte dito: Ação-reflexão-ação. (Grifo nosso)

REFERÊNCIAS

BRASIL. LDB. Lei 9394/96. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 1996. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf >. Acesso em: 19 ago. 2016.

CARVALHO, José Sérgio Fonseca de. **Retratos de uma profissão**. Revista Educação: publicado em janeiro/2011.

GOMES, Maria Lúcia de Castro. **Metodologia do ensino de língua portuguesa**. São Paulo. Saraiva, 2009.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. Trad. João Paulo Monteiro. SP: Perspectiva. 1996.

LIBÂNEO, José Carlos, **Didática**. – São Paulo: Cortez, 1994.

LUZARDO, R.; NEMR, K. **Instrumentalização fonoaudiológica para professores da educação infantil**. Rev CEFAC, São Paulo, v.8, n.3, 289-300, jul.-set., 2006.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.). et. al. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 3 edição, São Paulo: Cortez, 2003.

KOFF, Adélia Maria Nehme Simão e. **Uma agenda para didática hoje: Atualizando possíveis prioridades**. Artmed. 2011.

MATHEWS, M. M. **Teaching to read historically considered**. Chicago: 1966.

MACEDO, L. **Jogo e projeto: irredutíveis, complementares e indissociáveis**. In: Macedo, L. de; Machado, N. J.; ARANTES, V. A. (Org.). **Jogo e projeto: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2006.

MÉSZÁROS, István. **A teoria da alienação em Marx**. São Paulo: Boitempo, 2006.

MOOJEN, S.; LAMPRECHT, R.; SANTOS, R.M.; FREITAS, G.M.; BRODACZ, R.; SIQUEIRA, M. COSTA, A.C.; GUARDA, E. **CONFIAS Consciência Fonológica: Instrumento de Avaliação Sequencial**. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2003.

ROAZZI, A.; Leal, T. F. CARVALHO, M. R. **A questão do método no ensino da leitura e da escrita**. Teresina. 1996.

VYGOTSKY, Lev Semenovich **Pensamento e linguagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

http://www.edicoessm.com.br/sm_resources_center/somos_mestres/formacao-reflexao/alfabetizar-letrando-um-caminho-sem-volta.pdf- 1-6p. acesso em 24 de fevereiro de 2018.